



Intervenções visuais urbanas em Brasília: ação para circulação de vozes

Urban visual interventions in Brasilia: action for the voices circulation

Ursula Betina Diesel¹
UnB/UniCEUB

Resumo

O estudo apresenta um olhar sobre intervenções visuais urbanas - como grafites, *stencil*, colagens, pinturas, pichações -, em Brasília. A capital brasileira, construída artificialmente – ou seja, fora do comum processo de constituição do cenário urbano, em que pessoas, em aglomeração, dão início à cidade -, configura um lugar estruturado na junção de diferenças regionais e da mescla de projetos em função de um reposicionamento nacional. Tal contexto apresenta-se como muito favorável à percepção de que a produção de intervenções urbanas, manifestas no espaço público por essência – a rua –, atua, grita um estranhamento e, simultaneamente, por atenção, convívio e vínculo. O fazer torna-se dizer. Na ação, é possível reconhecer a circulação de vozes, representificadas, disponibilizadas para conversas, caracterizando a semiose social via transeuntes. A partir do registro fotográfico de cerca de 500 intervenções no Plano Piloto (área central de Brasília), buscou-se a aproximação desse cenário, a caracterização desse espaço público como lugar de ação, de fala, de interação, de circulação de sentidos. Assim, este estudo tem seu mérito na valorização da fala social dos sujeitos que se apropriam do espaço público e expressam, desse modo, a vontade de agir no e com o ambiente urbano, na coletividade.

Palavras-chave: Intervenção urbana. Espaço público. Circulação de vozes.

Abstract

¹ Doutoranda em Comunicação Social – UnB (Universidade de Brasília); Mestre em Comunicação, área de concentração Semiótica, UNISINOS; Professora no curso de Publicidade do UniCEUB. (Este estudo constitui fragmento do andamento, ainda em estágio inicial, da tese.)

The study presents a look over urban visual interventions – like graffiti, stencil, collages, pictures -, in Brasilia. The Brazilian capital, built artificially –, that is, out of the common process of the constitution of an urban scenario, in which people, in agglomeration, started to erect the city-, configures a structured place in junction with regional differences and the mixture of projects in the purpose of a national rebranding. Such context is presented as favorable to the perception of which the production of urban interventions, manifests in the public space in essence – the street-, it acts, shouts a strange feeling and, simultaneously, for the attention, interaction and bond. The accomplishment turns to say. In the action, it is possible to recognize the voices circulation, represented, available for talks, characterizing the social semiotic via passers-by. From the photographic register of about 500 interventions in Plano Piloto (the central area of Brasilia), searched for the approximation of this scenario, the characterization of this public space as a place of action, speech, interaction, circulation of senses. Thus, this study has its merit in the valuation of the social speech of the subjects that appropriate from the public space and express, in doing so, the wish of acting in and with the urban environment, in the collectivity.

Keywords: Urban intervention. Public space. Voices circulation.

1 - Introdução

Pared blanca = pueblo mudo²

Intervenções visuais urbanas evidenciam a mobilização por comunicação, interação e ação no espaço público com o desígnio de (re)elaborar valores e identidades na sociedade. Pode-se caracterizá-las enquanto sinais, marcas de atuação do individual (ou não) no coletivo da urbe, ocupando-a, ressignificando-a e agindo em seu universo simbólico. Parece evidente que, nesses casos, a comunicação explicita seu propósito transformador. Assim, buscou-se

² Texto de pichação fotografada por Russi (2015, p.66).

analisar e compreender o processo de que fazem parte as intervenções como atos de comunicação e, simultaneamente, processos, agentes provocados/provocadores e inseridos como vivência.

O foco principal do estudo implica grafites, pichações e outros, desde um recorte: que preservem a transgressão como característica, isto é, que sejam ocupadoras do espaço, de modo não institucionalizado, não autorizado. Assim, o estudo alcança a preocupação com o âmbito da dinâmica social-urbana e pretende ativar a reflexão sobre esse fenômeno de comunicação enquanto modo de existir. Logo, atua a partir da inserção, observação, registro fotográfico de intervenções e na ativação da discussão sobre essas vivências.

A partir do viés norteador de inspiração semiótica peirceana, dialogando e buscando compreender diversas angulações conceituais, estruturou-se raciocínio com base nas noções de comunicação (Martino), graffiti (Russi; Silva), dialogia (Bakhtin), espaço público (Santos), circulação de sentidos e semiose social (Vèron, Peirce), fazer é dizer (Austin), consumo (Baudrillard; Debord).

É nessa ambiência que se procura fazer a reflexão sobre a semiose das intervenções, com os seguintes propósitos: 1 – Valorizar as intervenções urbanas como fenômenos da comunicação, já que se trata da significação e apropriação estética pela mediação do signo no espaço e vivência urbanos; 2 - Compreender a dinâmica relação que constitui as intervenções visuais urbanas como práticas discursivas que, portanto, resgatam a ato comunicativo em sua essência; 3- Analisar criticamente o processo de vivência das intervenções na urbe a partir da lógica de consumo, que parece transformá-las em mercadoria, num processo metonímico de redução à sua face estética.

2 - Fundamentação Teórica

Inicialmente, retomamos a consideração de Martino (2001) sobre o sentido original de comunicação, que permite situar o estudo de intervenções urbanas como ações comunicativas, pois guardam as três características apontadas pelo autor:

1) o termo comunicação não designa todo e qualquer tipo de relação, mas aquela onde haja elementos que se destacam de um fundo de isolamento; 2) a intenção de romper o isolamento; 3) a ideia de uma realização em comum. (In: HOHLFELDT et al (orgs.). 2001, p. 13).

Grafites e pichações são elementos que invadem o espaço urbano e o constituem; destacam-se portanto, irrompendo a lógica da cidade “limpa”, cutucam, provocam, rompem o isolamento comunicativo, muitas vezes imposto a grande parcela da população. Querem ser vistas; têm como suporte paredes/muros que não só ouvem, mas falam, i. é., são usadas na busca do rompimento desse isolamento, como espaço de manifestação, visibilidade e ação. E mesmo quando produzidas por um indivíduo, pressupõem realização coletiva já que é exatamente esse seu potencial de ação: ser percebidas e, assim, significar. Logo, dependem não só do ato de produção que lhes dá visibilidade, mas também mantém essa produção discursiva na medida em que são reconhecidas, decifradas e atuam sobre os transeuntes; constituem a ambiência urbana.

Deste modo, pode-se perceber o potencial comunicativo nas intervenções visuais urbanas na direção de um exercício estratégico de poder, para superar o entorpecimento das relações comunitárias. Entorpecimento que se evidencia como força a ser combatida via grafites e pichações, quando Armando Silva (2006) condiciona

la comunicación graffiti a una experiencia contextual y coyuntural que se hace y deshace al ritmo de las contradicciones y los conflictos sociales y políticos de las distintas urbes. [...] lo que lo constituye como un tipo de escritura perversa que dice lo que no puede decir y que, precisamente, en este juego de decir lo no permitido se legitima.

Detecta-se, nesse fenômeno comunicativo, o movimento de ação e reação quanto à reconstrução da realidade que habitamos, em que diferentes vozes se manifestam e atuam sobre outras vozes (BAKHTIN, 1997), viabilizando a interação, como processo constituinte do jogo de interpretação/significação/ação, “desde sua concepção por emissores a seu contato com receptores que irão significá-los também de acordo com suas próprias vivências.” (FORMIGA SOBRINHO. In: RUSSI, 2013, p. 178)

Então, compreende-se que o funcionamento da linguagem configura possibilidades comunicativas que transcendem os suportes usados (nesse caso, paredes e muros) e ativam potenciais de interação, diálogo, encontro a partir das situações de percepção e decifração das mensagens pela cidade. A partir dos grafites e pichações vislumbra-se o estímulo a uma força interpretativa, “un tipo de acción ciudadana, no necesariamente consciente en los distintos ciudadanos cooperantes, que actúa desde diferentes medios sobre la percepción social y es dirigida contra la institucionalidad dominante.” (SILVA, 2006)

E mesmo se observarmos as intervenções urbanas visuais como informação, cabe verificar como a dimensão da vivência comunicativa apresenta-se enquanto polo nuclear de transformações, em tal medida que, como diz Milton Santos:

a informação joga um papel parecido àquele que, no passado remoto, era reservado à energia. Antigamente, o que reunia as diferentes porções de um território, era a energia, em estado bruto, oriunda dos próprios processos naturais. Ao longo da história, é a informação que vai ganhando essa função, para ser hoje o verdadeiro instrumento de união entre as diversas partes de um território. (2006, p. 109)

Assim, grafites e pichações podem ser percebidos como mensagens que ativam representações, ou seja, a partir da visão peirceana, configuram aqui o representâmen, disponível às pessoas (nas diferentes posições de produção e reconhecimento ou ressignificação das mesmas) e potencial instaurador do movimento sígnico, o jogo interpretativo, em suas diversas instâncias de sentido – aqui, a vivência urbana e de coletividade. Desse modo, o aspecto peirceano de secundidade, de caráter indicial, apresenta-se como elemento chave na experiência desencadeadora e desencadeante desse tipo de prática discursiva urbana. Logo, o próprio ato da presença deve ser analisado como constituinte das estéticas das manifestações visuais urbanas, as quais podem ser caracterizadas como índice de existência, de participação, de pensamento, ou seja, como “provocação de uma experiência que pode ser denominada como estética.” (RUSSI, 2013, p. 45-46)

Tal caráter de ação dessas mensagens pela cidade lembra a compreensão de Austin (1990), a partir da qual parece lógico que se trata de ações do tipo quando fazer é dizer. Já sua etapa de produção é comunicadora por essência, ocupando espaços, interferindo na dinâmica

urbana, interceptando transeuntes. Conforme Russi (2013), o próprio suporte parede/muro é fruto do fazer humano e já significa desde então. Paredes e muros guardam em si, em perspectiva histórica, a problemática delimitadora e de contenção da manifestação humana em sua vivência no coletivo. Ou seja, as intervenções como grafites e pichações aparecem, primeiro, como reação a essa superfície divisória, separadora, opressora (RUSSI, 2015). Tais suportes são, então, ressignificados a cada momento e em toda intervenção que suportam. Demarcando a urbe, uma vez manifestas, as pichações e grafites evidenciam já a noção de ação na direção do coletivo.

Eliseo Veròn (2014) lembra da característica semiótica própria da rua, enquanto espaço público, aberto e urbano, em contraposição a espaços fechados de condomínios e, por outro lado, abertos da natureza. Para ele, a rua “religa, representa e é ela mesma um objeto permanente de representações. Como espaço público, ela é um lugar de exposições, de encontros, de negociações e de transações.” (In: CASTRO et al (orgs.), 2014, p. 15). Pode-se considerar, então que é um espaço-ponte, que potencializa a noção do entre, do suspenso, do algo que está por se definir.

A partir disso, torna-se fundamental rever a noção de espaço público. Para Santos (2006), esse deve ser compreendido “como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações” (p. 12). Nessa medida, o ato de intervir no espaço público o configura enquanto espaço público de fato, em que o indivíduo aparece como ser atuante e constituinte do lugar que habita.

É a partir dessa relação com o ato de intervir, interferir no espaço público, na dinâmica urbana, que se configuram, também, reações, de tentativas de negação dessas ações, de repressão à participação aí manifesta. Fala-se em limpar a cidade, como fez prefeito da cidade de São Paulo (João Dória), logo no início de janeiro deste ano. Uma de suas primeiras ações de visibilidade e projeção foi ordenar que pintassem de cinza paredes e muros grafitados nas principais ruas da cidade. A ação teve enorme repercussão, especialmente nas redes sociais, mas também com ações de limpeza da limpeza, feitas por grafiteiros. A ação capitaneada por Dória costuma ser chamada de revitalização, porém caracteriza claramente o

que se denomina higienização, ou seja, um processo de limpeza, de retirada do não desejado naquele ambiente. Pode referir-se a pessoas, objetos; e, neste caso, às intervenções visuais urbanas.

Mas o que é “limpo”, aí, não é essencialmente a superfície. Não se trata simplesmente do estético. Não se trata da forma ou aparência, mas, sim, da esfera do dinâmico e da ação sógnica ali demarcados. De modo que “tales intervenciones no son simplemente elementos estéticos em sí mismos, sino operadores de sentido del ser-estar en la ciudad” (RUSSI, 2015, p. 74) e, assim, “producen alteraciones em todo el entorno (sujeto, soporte, espacio) por la mediación del signo.” (RUSSI, 2015, 128)

As intervenções visuais urbanas parecem constituir uma demanda, a de tomar posse, de expressar-se contrariamente ao estabelecido, “repensando os suportes e suas determinações e, assim, propondo outro desenho do espaço, da rua, da vivência chamada cidade.” (RUSSI. In: CASTRO et al (orgs.), 2014, p. 154)

A noção do processo de significar associa-se a isso, na perspectiva da compreensão da semiótica em si. A vivência urbana, o dia-a-dia na cidade podem ser percebidos como um laboratório de novas elaborações, que nos cutuca e promove estranhamentos. Como diz Russi (2015), o cotidiano urbano requer ser estudado e vivenciado como um laboratório.

Além disso, é preciso vincular a isso a lógica de consumo. Laura G. Corrêa, em seu texto “Pixo, arte de rua, publicidade: entre tensão, apropriação e resistência”, pontua que nas cidades se torna concretamente evidente que grandes corporações “comandam a economia global.” E mesmo em tempos de crise, “as marcas do capital têm interferido fortemente na experiência dos indivíduos nas cidades”, pois “as construções discursivas permitidas nas ruas são a fala de grandes empresas ou de instituições governamentais, isto é, os atores que podem dispor (como detentores, anunciantes ou patrocinadores) da visibilidade nos espaços urbanos.” (CORRÊA. In: CASTRO et al (orgs.), 2014, p. 168)

Jean Baudrillard (2008) já demarcara tal compreensão a partir do entendimento da supremacia do consumo em detrimento das outras esferas da vida e de que essa supremacia encontra um forte suporte nos meios de comunicação de massa, que facilmente padronizam

percepções e comportamentos na sociedade. Torna-se hegemônica a aceitabilidade e a demanda pelo consumo. Tudo vira mercadoria na lógica do espetáculo, já afirmava Debord (1997) em 1967. E os grafites e as pichações, enquanto transgressores do espaço público institucionalizado, rompem com essa lógica, tanto que “la esencia del grafiti es no ser finita ni unívoca, porque eso llevaría a esse tipo de manifestación y pensamiento a la cristalización, por lo tanto, a la desaparición del signo como tal.” (RUSSI, 2015, p. 129)

Tal reflexão apresenta-se alinhada à percepção, ainda inicial, de que as intervenções visuais urbanas demarcam mobilidade e ação, ou seja, mesmo dentro da cultura de consumo, que domina o cotidiano da urbe, está colocada a possibilidade da transgressão, e faz parte da vivência urbana lidar com esses diferentes atos de comunicação.

As intervenções urbanas dirigem-se a desconhecidos, qualquer indivíduo que participe da dinâmica daquele espaço. Carregam fortemente em si a noção temporal, do momentâneo e único. Atuam a partir do eixo da diferenciação, e não da repetição. Dissonam da confirmação, que se delinea a partir da distribuição massiva, numérica. Conectam-se com o espaço, o local, convertendo-o em lugar, pela demarcação do fazer comunicativo. O espaço estabelecerá o elo entre emissores e receptores, que não necessitam estar em relação no mesmo momento, mas podem. A estética das intervenções cumpre importante papel nesse sentido. Mas é o intervir em si que ativa toda essa dinâmica.

Parece-nos que a singularidade que caracteriza as intervenções é que elas mantêm forte caráter indicial, valorizando o estranhamento, o simples acesso ao antes elaborado, mas sem simular, ainda, o encontro com a recepção. Procuram, por sua natureza, conservar o status do aberto, do enigmático, do provocador. Não simulam, atizam. Atuam no eixo do singular, não do repetido, do afirmativo.

Pode-se concluir observando que as intervenções visuais urbanas representam gritos de presença e habitação, e podem ser percebidas como expressão poética ou militante já que possuem no seu âmago a provocação, o despertar nos passantes à reflexão sobre sua atuação no círculo social em que vivem. O processo de mediação estruturado via intervenções trata-se de representações compartilhadas socialmente; logo, comunicação. São recortes

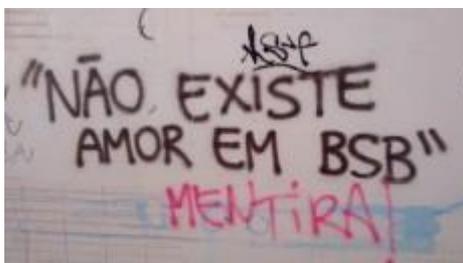
disponibilizados à vivência. Requerem conexão, encontros. Um sistema comunicativo. Um sistema que inclui.

3 - Metodologia

O objetivo geral do estudo é compreender a semiose que caracteriza intervenções urbanas visuais na forma de grafites e pichações, inclusive relacionando-a ao processo de higienização como uma reação a isso. Para tanto, além do viés conceitual, relacionado a algumas teorias e abordagens sobre o fenômeno da comunicação e sua ação no âmbito urbano e de transformação social, mostrou-se fundamental a pesquisa de natureza empírica, em que se fez a observação da vivência da realidade que abrange grafites e pichações em Brasília.

Inicialmente, registrou-se fotograficamente cerca de 500 intervenções visuais urbanas distribuídas no Plano Piloto de Brasília. Trata-se, portanto, de pesquisa documental primária. Isto é, fotos são, de certa maneira, a representação idêntica dos objetos representados, o registro de sua existência e realidade em frente à câmera. Ressalte-se, entretanto, que não se analisa as fotografias. Este é apenas o recurso de coleta do observado e, portanto, de documentação primária do que está em análise. Além disso, a opção pelo registro não pretendeu restringir o procedimento a uma perspectiva descritiva. Busca-se aliar a compreensão conceitual ao jogo interpretativo, procurando construir perguntas e elaborar respostas.





Assim, como um todo, este estudo adota um prisma qualitativo, isto é, há um grau de participação da pesquisadora, seja no levantamento fotográfico, na análise da semiose constituinte das pichações e grafites e, inclusive, na entrevista que se pretende realizar com grafiteiros, pichadores e transeuntes/estudantes.

Elegeu-se a semiótica peirceana como viés norteador de tal reflexão, porém dialoga-se com outras angulações conceituais, já que as intervenções são parte da complexa realidade humana e urbana. Pedro Russi (2015) evidencia tal compreensão ao afirmar:

quedan claras la pertinencia y la relevancia del estudio de los asuntos relacionados com el grafiti, como forma de comprender el universo humano a partir de la observación de tales intervenciones urbanas como recortes de una realidad. [...] Para estudiar el grafiti, necesitamos comenzar a considerarlo como un sistema em sí mismo. (p. 52)

A partir dessa perspectiva, julga-se ser possível analisar a ação constituinte e desencadeada por essas intervenções, e relacionar diferentes ângulos teóricos que possibilitem melhor compreender como o objeto de estudo em questão funciona enquanto comunicação.

Assim, neste estudo, trata-se de realizar atos de leitura da lógica de comunicação constituinte de grafites e pichações, i. é., buscar compreender a semiose aí articulada. Pois na

semiótica “é possível perceber como as representações constituem mediação das relações sociais que falam através dos signos e códigos e, sobretudo, daquela lógica que estrutura e organiza suas manifestações fenomênicas e cotidianas” (FERRARA, 2004). Além disso, o processo comunicativo é entendido como um processo de semiose, pois tanto as relações comunicativas quanto os vínculos comunicativos, que são interações comunicativas através dos meios de comunicação, geram ambientes comunicativos “propícios à semiose, à interação e à interface dos meios e veículos” (FERRARA, 2004).” (HORTA, 2013. In: RUSSI (org.) 2013, p. 110)

Para tanto, vale resgatar a definição peirceana de signo, em que um signo, ou representâmen, é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém. Dirige-se a alguém, isto é, cria, na mente dessa pessoa, um signo equivalente, ou talvez um signo mais desenvolvido. Ao signo assim criado denomino interpretante do primeiro signo. O signo representa alguma coisa, seu objeto. (PEIRCE, 2000, p. 46)

4 - Considerações Finais

Não se tem, por hora, a dimensão de efetivas descobertas, mas o empenho ocorre nessa direção, pautado em esforço teórico para analisar e compreender o fenômeno comunicativo em pauta: a semiose de intervenções visuais, que primam pela transgressão, provocação e busca de transformação social e diálogo na comunidade.

Observar as intervenções que demarcam os espaços públicos pode evidenciar o fenômeno comunicativo em processo, enquanto conversa, diálogo, ponte. Ação e reação demarcam-se nas paredes dos espaços de reflexão. Diferentes vozes aparecem em circulação, em movimento. O processo de registro fotográfico das intervenções mantém-se e será completado por análise estruturada, articulando diferentes aspectos do processo, e entrevistas com produtores e receptores de intervenções.

Referências

- AUSTIN, John. **Quando dizer é fazer**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- BAKHTIN, Michail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. 2ª ed. Lisboa: Edições 70, 2008.
- CANCLINI, Nestor G. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4ª ed. São Paulo: EDUSP, 2013.
- CORREA, Laura G. **Pixo, arte de rua, publicidade: entre tensão, apropriação e resistência**. In: CASTRO, P. C., FAUSTO NETO A., HEBERLÊ, A. et al (orgs.) **A rua no século XXI – materialidade urbana e virtualidade cibernética**. Maceió – AL: EDUFAL, 2014.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- FORMIGA SOBRINHO, Asdrúbal B. **Cultura e comunicação em desenvolvimento**. In: RUSSI, Pedro (org.). **Processos Semióticos em Comunicação**. Brasília - DF: Editora UnB, 2013.
- FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. 8ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- HABERMAS, Jürgen. **Teoria de la acción comunicativa**. Madrid: Taurus, 1987.
- HARVEY, David. **Espaços de Esperança**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- HOHLFELDT, A. MARTINO, L.C.; FRANÇA, Vera V. (orgs.) **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- HORTA, Natália B. **A geração de sentido em socioletos da internet**. In: RUSSI, Pedro (org.). **Processos Semióticos em Comunicação**. Brasília – DF: Editora UnB, 2013.
- LUHMAN, Niklas. **La realidad de los medios de masas**. Rubi (Barcelona): Anthropos Editorial, 2000.
- MARTINO, Luiz Cláudio. **O que é meio de comunicação?** Uma questão esquecida. - Texto apresentado no GT Tecnologias da Comunicação, da IV Conferência ICA América Latina, realizada na Universidade de Brasília, 26 a 28 de março de 2014. Publicado nos anais do evento: ica2014.com.br. Versão revisada 2016.



MCLUHAN, Marshal. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 2007.

PEIRCE, Charles S. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

RUSSI, Pedro (org.). **Processos Semióticos em Comunicação**. Brasília - DF: Editora UnB, 2013.

RUSSI, Pedro. **Grafitis** – Trazos de imaginación y espacios de encuentros. Barcelona: Editorial UOC, 2015.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. Técnica e Tempo. Razão e emoção. São Paulo: EdUSP, 2006.

SILVA, Armando. **El grafiti como parte de los imaginarios urbanos**. Recuperado de www.alonsogil.com/2Ftextos-articulos-3%2Farmando-silva-el-graffiti-como-parte-de-los-imaginarios-urbanos, 2006.

VÈRON, Eliseo. In: CASTRO, P. C., FAUSTO NETO A., HEBERLÊ, A. et al (orgs.) **A rua no século XXI** – materialidade urbana e virtualidade cibernética. Maceió – AL: EDUFAL, 2014.